

—Recomendamos a leitura, no n.º 273 de «O Diabo», do artigo «A mensagem de Jules Romains» de Fernando Piteira Santos. Nêle se denuncia certa imparcialidade de certos intelectuais que é sempre medida parcialidade. Na mesma publicação, n.º 276, reapareceu a «Crónica da semana», secção que António Fazenda dirige com o mesmo esclarecido espirito crítico.

—Continuamos a receber regularmente as seguintes publicações, que muito agradecemos: Independência de A'gueda, Jornal de Ilhavo, A Mocidade, Os Rídiculos, Renhau-nhau (Funchal), Brados do Alentejo, O Montemorense, Povo da Beira, o Desfôrço, O Mensageiro do Ribatejo, A Rabeca, O Despertar, Revista Transagana, A Vida Social, Alma Popular, Portugal, O Trabalho, Notícias de Évora, O Diabo, Pensamento, Gazeta do Sul, Diário do Alentejo, Seara Nova, O Comércio de Leixões, O Barreiro, Presença, Educação Nacional, Arquivo Histórico da Madeira, Correio de Azeméis, Vida Mundial.

—Das «Edições Cosmos», Lisboa, recebemos: Questões de Hoje e de Amanhã, ensaios e comentários, de António Ruas; A Guerra Económica, 1.º volume, de M. W. P. Consett, tradução de Almirante Alberto Carlos Aprá, para a colecção: «Documentos da Grande Guerra—1914-1918».

—Já se encontra no Brasil, onde desempenha as funções de representante de Sol Nascente, o nosso camarada de redacção Afonso Ribeiro. Animado do melhor desejo de verdadeiro inter-câmbio luso-brasileiro, esperamos para êle a maior compreensão dos representantes do pensamento jovem do Brasil. Afonso Ribeiro tenciona publicar lá o seu romance «Glebas». A todos os nossos amigos de cá e de lá, deixamos aqui indicada a sua direcção provisória: R. de Luís de Camões, 91—Rio de Janeiro—Brasil.

—«Gazeta do Sul» é a editora de um livro de Jerónimo M. S. Paiva—«Além vem a Guerra!»—considerações e comentários à guerra de 1914 e à actual, com dois sonetos e um retrato do autor.

—Foi publicado o caderno da «Seara Nova»: A Infância e o Cinema, pelo brasileiro Dr. Dante Costa, em que aquele sr. apresenta a criminalidade infantil como resultado da influência do cinema e pretende solucionar o seu problema com uma regulamentação proibitiva e de censura.

—Na colecção «Textos Literários» saíram as Poesias, de Sá de Miranda, selecção, prefácio e notas de Rodrigues Lapa. O texto da presente edição baseia-se na primeira que se publicou das Obras Completas de Sá de Miranda, em 1595.

—As críticas da D. Aurora Jardim são tão vazias, tão ócas, pobres e iguais umas às outras; tão floreadas, bemdizendo mau e bom, que qualquer humilde escrevinhador se envergonharia de as assinar. Pois a D. Aurora é intelectual, colaboradora crónica das nossas revistas femininas e ainda por cima faz as ditas críticas para um grande diário—O Jornal de Notícias—que se diz jornal do povo!

—Editada por Arménio Amado, saiu a 2.ª edição da «Biografia», de José Régio. «Biografia» insere não só os sonetos da 1.ª edição mas todos os outros sonetos do autor.

—Recebemos também o «Plano geral e temas propostos» para o Congresso Nacional de Ciências da População.

crítica

GAIBÉUS

romance

de

Alves

Redol

Quem tenha seguido as publicações de Alves Redol, haja lido «Glória, uma aldeia do Ribatejo», não ficará surpreendido ao fechar este belo romance. O mesmo não sucederá àqueles que o não conheciam.

Gaibéus é um romance social construído com verdade e segurança. Não se trata de certa pura demagogia, tão comum e tão perigosa, que às vezes aparece por aí. E' da sequência da acção, do aparecer à superfície das contradições, que surge toda a tendência e nunca de retórica. O romance necessita de ser convincente, isto é, que a sua acção se realize de maneira a poder crer-se como real. Isto só o consegue o autor que consiga integrar-se perfeitamente no ambiente da sua obra e viver a vida dos seus personagens. Um conhecimento de superfície arrastará sempre para a procura formal, para o espirito, para o subjectivo (se é subjectivo certa propositada deformação dos sentimentos e das situações, certo aliterado, que por aí se lê). Isto é a primeira coisa que se verifica ao folhear o livro de Alves Redol: um conhecimento profundo do tema, integração no ambiente, comunhão com o destino das suas personagens. Daqui, uma sinceridade sempre sentida em cada página, verdade de situações, justeza do vocabulário.

Gaibéus é o romance dum desses ranchos de trabalhadores que pelas mondas e pelas ceifas vão até ao Ribatejo fecundar a terra com o seu suor. Camponeses sem terra alugam os seus braços a um e a outro a troço dum jorná precária—«*Gaibéus* lhes chamam». Uns são já batidos nestes trabalhos, outros vêm pela primeira vez; aquela viveu já a promiscuidade do barracão, Rosa deixa a sua virgindade desfolhada nas mãos do patrão, como o seu destino; Manuel, o capaz, é motivo de troça dos outros seus iguais, de coração

enrígido, os cães de guarda de Agostinho Serra; *Mal-pronto*, *Nove* e o companheiro, vêm rapazes e voltam homens, noivaram com a *Menina*; aqueles dois ceifeiros teem um sonho, a emigração, e aquele outro, que já correu longes terras, sofre por si e por todos, todos os males e todas as humilhações; os debulhadores e enfardadeiras impõem na eira a sua tirania de máquinas; a malária consome de febre os corpos exaustos; o inverno aproxima-se e os *Gaibéus* partem para as suas terras, pobres como chegaram, miseráveis; Agostinho Serra respira fundo, todas as ameaças do ano se foram, a seara foi farta—agora falta apenas fechar as contas com a fábrica. Mas todas estas vidas se entrecem para dar um só romance, o romance do rancho de Francisco, que veio trabalhar nos arrosais do Agostinho Serra, que é o romance de todos os ranchos vindo todos os anos alugados por uma monda ou por uma ceifa.

Além dum romance cheio de interesse, *Gaibéus* é um documento humano de extraordinário valor.

A realização da obra é segura, os capítulos vêm bem desenhados, as personagens

são convincentes, os diálogos vivos e naturais. A história desenrola-se harmonicamente sem saltos bruscos, sem altos e baixos.

Um dos grandes defeitos de certas obras com intenções sociais é a falta de poder convincente, o serem de quasi pura carpintaria; ao fecharmos este livro temos a certeza de que é mesmo assim, de que o autor viveu a sua obra com o seu sangue e os seus nervos.

Alves Redol pelo que dêle conhecemos revela-se com extraordinárias qualidades de romancista. Esta sua primeira experiência resultou inteiramente e pode-se esperar ainda muito mais. O romance é um género literário que requiere muito trabalho, muito estudo, muita experiência.

Das primeiras coisas que me parece deverem merecer a atenção de Alves Redol é o seu estilo. Deve tentar ganhar sobriedade, simplicidade, controlando o seu temperamento exuberante. Por vezes o relêvo das personagens não resalta como deve esbaldado no fundo. A dureza do seu traço, a esplêndida grandeza das suas imagens, permite-lhe, sem perder força, ganhar aquela sobriedade. Também em certas passagens há um sucessivo emprego da mesma construção de períodos e a prosa perde bastante da sua plasticidade.

Antes de terminar queremos salientar o capítulo em que se descreve o trabalho na eira como qualquer coisa de belo. Entre um livro muito igual parece-me merecer atenção especial, pela verdade da descrição e pela riqueza de tons empregues.

Recomendamos vivamente a leitura deste belo romance e esperamos que a publicação de *Avieiros* e *Abismos*, romances anunciados por Alves Redol sejam a confirmação digna de tão boa estrela.

JOAQUIM NAMORADO